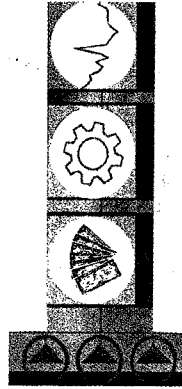


# O Projeto Profissional Crítico: estratégia de enfrentamento das condições contemporâneas da prática profissional

Yolanda Guerra\*



**Resumo:** A categoria profissional vem tentando discutir a seguinte questão: por que meios e/ou condições torna-se possível ao assistente social objetivar suas intenções em ações profissionais qualificadas técnica e politicamente? O texto que ora se apresenta pretende indicar o âmbito da possibilidade e da efetividade do projeto profissional crítico para o exercício profissional não apenas competente, mas comprometido com o enfrentamento da barbárie do capitalismo.

**Palavras-chave:** projeto profissional crítico; possibilidade; efetividade.

\* Doutora em Serviço Social, professora da Escola de Serviço Social da UFRJ, coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre os Fundamentos do Serviço Social na Contemporaneidade — NEFSSC/UFRJ, pesquisadora do CNPq.



## Introdução

A conjuntura atual coloca desafios mais complexos ao mundo do trabalho. O assistente social como trabalhador só se realiza quando sua força de trabalho é vendida no mercado por intermédio de determinações das condições e relações de trabalho, meios e mediações<sup>1</sup> tais como: um contrato (formal ou informal) que define as bases nas quais se dará o exercício profissional do assistente social (em termos de: jornada de trabalho, funções, atribuições etc.), além de normas, rotinas, enfim, pela legislação trabalhista vigente. Estas definem um tipo de relação que se estabelece entre o profissional e a instituição, bem como determina as atividades/projetos para os quais é contratado, limita a sua autonomia que será sempre relativa ao contexto sócio-histórico e à capacidade estratégica do profissional.

As transformações operadas nos países capitalistas dos últimos trinta anos, oriundas da crise estrutural do capital, produzem alterações no mundo do trabalho as quais se traduzem nas particularidades históricas do Serviço Social, redimensionando as políticas sociais como espaços sócio-ocupacionais dos assistentes sociais, decorrentes de novas e mais complexas relações entre Estado e sociedade civil, de onde deriva um novo padrão de enfrentamento da questão social (Cf. Montañó, 2002), caracterizado por medidas focais e paliativas de combate à pobreza, pelo estabelecimento de redes de proteção social, pelo crescimento do terceiro setor e de práticas voluntárias e voluntaristas, tais como a proposta atual da economia solidária e o cooperativismo. Este contexto, marcado pelo exaurimento do projeto societário que se contrapôs historicamente ao capitalismo,<sup>2</sup> vem

1. Na abordagem que fazemos, mediação não significa uma prática de solução de conflitos, uma intermediação entre partes em litígio em relação à família, à escola e à comunidade etc., como tem sido utilizado por muitos autores, a exemplo de De Tommaso (1997) e Soares (1996), mas uma categoria ontológica, melhor dizendo, um modo de ser da realidade social, já que o real é constitutivo e constituinte de mediações. Elas se localizam no âmbito do particular. Diz Lukács (1968) que o particular é um inteiro campo de mediações. As mediações fazem parte do real, entretencem a realidade. São os elementos particulares que fazem com que os processos e práticas sociais e profissionais sejam eles mesmos. As mediações são sistemas, campos ou dimensões, aspectos, totalidades parciais da realidade que se articulam entre si e com outros. Ao percebê-las na sua articulação podemos captar a natureza, o sentido, a direção, a aparência e a essência dos processos sociais historicamente constituídos. Na seqüência, esta compreensão da mediação será largamente utilizada.

2. Nunca é demais notar o desastre para a classe trabalhadora que se configura com a queda do Muro de Berlim marcada pelo fim do socialismo real.

forjando novas formas de sociabilidade e tendências de interpretar o capitalismo como o último e único modo de vida em sociedade. Aqui passam a figurar tanto perspectivas que defendem fervorosamente o capitalismo quanto aquelas que reivindicam a sua suposta "humanização".

O aumento do desemprego, do subemprego, da precarização do trabalho, as novas formas de contratação — por tempo determinado, por projeto, por hora, por tempo parcial, e outras — incidem na qualidade das demandas — engendradas por interesses diferentes e/ou divergentes — de segmentos da classe dominante, dos usuários, das instituições, da profissão —, que por meio de muitas mediações chegam ao profissional e lhes exige novas competências e qualidade na intervenção profissional.

Mediado pela *lógica do mercado*, o exercício profissional sofre um redimensionamento pelas alterações ocorridas na esfera dos serviços sociais e nas demandas. No que se refere às mudanças nos serviços, a estes é incorporada a lógica da produção capitalista, alterando suas condições e relações de trabalho e formas de sociabilidade. Aqui passam a operar mediações até então concebidas como estranhas ao universo profissional considerado como o de prestação de serviços vinculado à proteção social, e o assistente social, equivoacadamente, reconhecido como um profissional liberal.

Nas condições e relações atuais do exercício profissional, um conjunto de mediações conforma este processo: a ameaça ao desemprego, o achatamento salarial, a precarização das condições de trabalho, o aprofundamento do processo de pauperização, a mudança nos parâmetros legais e institucionais que orientam as relações de trabalho, o precário contrato de trabalho (que estabelece o *status* profissional, as metas de produtividade, os salários, a jornada de trabalho e define o perfil profissional, suas funções e atribuições), a desespecialização/desprofissionalização,<sup>3</sup> a alienação no/do trabalho.<sup>4</sup> A lógica mercadológica que permeia os serviços sociais, junto com as políticas sociais, passa a se constituir a

3. Ainda pouco discutida no âmbito do pensamento crítico, esta tendência já se mostra bastante desenvolvida no contexto do "novo" perfil de profissional requerido pelo mercado de trabalho (órgãos estatais, ONGs, instituições sociais). Um exemplo na área da saúde é a conversão da prestação de serviço em "cuidado", e os profissionais — independente da especialização — em "pessoas que cuidam" (ou cuidadores).

4. No que se refere ao produto do seu trabalho, ao processo, à sua condição de sujeito e frente aos demais trabalhadores, haja vista que, ao não se reconhecer como sujeito da ação, o trabalhador também não reconhece como tal os seus iguais.

se traduz operacionalmente, ou seja, o que fazemos nem sempre se revela como produto do conjunto de determinações tais como: da ação e reflexão de uma teoria, dos princípios valorativos, da articulação consciente de meios visando a fins determinados e de escolhas técnico-profissionais. Ao contrário, o que fazemos fica na aparência de uma profissão cuja intervenção restringe-se apenas ao âmbito do imediato, do empírico, de alteração de variáveis empíricas, já que não há, à primeira vista, uma diferenciação operatória, não há mudança substantiva entre o exercício profissional e as práticas assistenciais, voluntaristas, desenvolvidas por leigos e por ações voluntárias.

Ora, a utilização de procedimentos burocrático-administrativos a partir de modelos oriundos da lógica formal e abstrata para atender a uma heterogeneidade de situações direta e imediatamente vinculadas no plano da formalidade institucional, a utilização de procedimentos predeterminados, *leva o profissional a circunscrever sua prática à da vida e dos limites institucionais*. Neste âmbito, a competência profissional fica restrita ao atendimento das demandas institucionais, e a intervenção profissional se identifica à adoção de procedimentos formais, legais e burocráticos.

Desses procedimentos limitadores (porque formais, legais e burocráticos) do exercício profissional decorre a (falsa) imagem social da profissão confundida com a ação social prestada por leigos de "boa vontade", que, em alguns casos, se confundem com assistentes sociais, que realizam atividades pouco específicas, mas que atendem às demandas da instituição (pública ou privada) as quais são identificadas com as do Serviço Social.

No âmbito desta problematização, reivindicamos a construção de projetos profissionais que nos permitam fazer a "crítica ontológica do cotidiano", de modo que, por meio deles possamos tomar nossa prática profissional consciente, uma vez que, segundo Heller, "as idéias necessárias à cotidianidade jamais se elevam ao plano da teoria, do mesmo modo como a atividade cotidiana não é práxis. A atividade prática do indivíduo só se eleva ao nível da práxis quando é atividade humano-genérica *consciente*" (1989: 31-32, grifo meu).

Faz-se então necessário ao profissional que, pela via do conhecimento teórico, da escolha consciente por valores universais, da direção política que atribui a sua prática, bem como de uma postura renovada e qualificada, transcenda a mera cotidianidade para alcançar o patamar do exercício crítico, competente e comprometido. Para tanto, os projetos profissionais críticos se constituem na mediação privilegiada do exercício profissional competente e comprometido.

## 2. A crítica do cotidiano e as mediações do projeto profissional

O cotidiano é o lugar onde a reprodução social se realiza por meio da reprodução dos indivíduos (Netto, 1987), razão pela qual é um espaço ineliminável e insuprimível, no qual configuram-se três características:

1. **diferencialidade:** o sujeito dirige totalmente sua atenção para demandas muito diferentes entre si, no intuito de responder a elas. Por ser de naturezas diversas, ocupam integralmente a atenção dos sujeitos;
2. **imediatividade:** as ações desencadeadas na vida cotidiana tendem a responder, fundamentalmente, às demandas imediatas da reprodução social dos sujeitos;
3. **superficialidade extensiva:** considerando que as demandas do cotidiano são extensivas, amplas, difusas, diferenciadas e imediatas, os sujeitos acabam por encaminhá-las de maneira superficial, dado que a prioridade da vida cotidiana está em responder aos fenômenos na sua extensividade, e não na sua intensividade.

Na vida cotidiana, os homens atuam como singularidades, visando aos fins individuais de sobrevivência. Ela porta a tendência de ser um espaço de alienação e manipulação,<sup>7</sup> posto que nela os homens agem a partir de interesses singulares e de maneira espontânea.

Mas os homens singulares se vinculam a outros seres do mesmo gênero por meio de várias instâncias, sendo a moral uma instância privilegiada. Porém quando os sujeitos singulares agem apenas com motivação moral, incorrem no voluntarismo ou no moralismo, os quais podem levá-los a um sentimento de onipotência e/ou de resignação.

Por isso, faz-se necessário recorrer a outras instâncias de objetivação, pelas quais os homens se constituem como seres sociais<sup>8</sup> e constroem a sua essência. Instâncias estas que lhes permitem estabelecer vínculos com outros homens, ascendendo ao patamar do gênero humano.

Se a vida cotidiana é o âmbito da individualidade, locus no qual os homens reproduzem sua individualidade, sua reprodução individual é a mediação

7. Aqui deve ficar claro que pelos seus elementos constitutivos a vida cotidiana é a esfera que mais se dispõe à alienação, o que não significa que esta lhe seja inevitável.

8. Dentre elas podemos citar o trabalho, como esfera primária, a ética, a política (o direito e o Estado), a ciência, a arte, a religião etc.

necessária à reprodução da sociedade (Heller, 1989). Mas por quais meios e em que condições torna-se possível e necessária a passagem da particularidade posta na cotidianidade para a condição de ser genérico dos homens? Segundo Heller, a filósofa húngara que na esteira de Lukács problematizou a vida cotidiana, isso se dá pela via da homogeneização, ou seja, pela superação da heterogeneidade própria da vida cotidiana, por meio de outras esferas pelas quais os homens se objetivam como homem. Diz a referida autora: “concentramos toda nossa atenção sobre uma única questão e suspenderemos qualquer outra atividade durante a execução da anterior tarefa; e, por outro lado, empregamos nossa inteira individualidade humana na resolução dessa tarefa. Utilizaremos outra expressão de Lukács: transformamo-nos assim em um ‘homem inteiramente’ (Heller, 1989: 27).

Tais atividades são desenvolvidas por alguns sujeitos sociais os quais, segundo Heller, no desencadeamento de sua práxis produtiva, suspendem a particularidade e convertem-se, “pela mediação de suas individualidades, em representantes do gênero-humano” (1989: 29). Além da prática produtiva, as esferas da teoria, da ética, da arte e da política (dentre outras) se colocam como mediações privilegiadas.

De acordo com Lukács:

“a relação do homem com a espécie humana é, desde o início, formada e mediada por categorias sociais (como trabalho, linguagem, intercâmbio etc.) dado que, por princípio, não pode ser muda, mas se realiza apenas em relações e vínculos que operam a nível da consciência. [...] Assim como a consciência especificamente humana só pode nascer em ligação e como efeito da atividade social dos homens (trabalho e linguagem), também a consciência de pertencer ao gênero se desenvolve a partir da convivência e da cooperação concreta entre eles.”

Para Heller (1989: 24),

“A vida cotidiana está carregada de alternativas, de escolhas. Estas escolhas podem ser inteiramente indiferentes do ponto de vista moral (por exemplo, uma escolha entre tomar um ônibus cheio ou esperar o próximo); mas também podem estar moralmente motivadas (por exemplo, ceder ou não lugar a uma mulher de idade). Quanto maior é a importância da moralidade, do *compromisso pessoal*, da individualidade e do *risco* (que vão sempre juntos) na *decisão acerca de uma alternativa dada*, tanto mais facilmente essa decisão eleva-se acima da cotidianidade e tanto menos se pode falar em decisão cotidiana.” (Grifos meus)

Heller considera que as formas privilegiadas que permitem esta transcendência são o trabalho, a ética (como a reflexão crítica sobre a moral), a ciência, a arte, a política. Segundo ela (1989: 28):

“A homogeneização em direção ao humano-genérico, a completa suspensão do particular-individual, a transformação em ‘homem inteiramente’ é algo totalmente excepcional na maioria dos seres humanos [...]. A homogeneização em direção ao humano-genérico só deixa de ser excepcional, um caso, singular, naqueles indivíduos cuja paixão dominante se orienta para o humano-genérico e, ademais, quando tem a capacidade de realizar tal paixão.”<sup>9</sup>

Neste âmbito, entendemos que o exercício profissional orientado por um projeto profissional que contenha valores universalistas, baseado no humanismo concreto, numa concepção de homem enquanto sujeito autônomo, orientado por uma teoria que vise apreender os fundamentos dos processos sociais e iluminar as finalidades, faculta aos assistentes sociais a consciência de pertencer ao gênero e lhe permite desenvolver *escolhas* capazes de desencadear ações profissionais motivadas por compromissos sociocêntricos que transcendam a mera necessidade pessoal e profissional de seus agentes que se hipertrofia na esfera da cotidianidade. Ao clarificar seus objetivos sociais, realizar escolhas moralmente motivadas, compreender o significado social da profissão no contexto da sociedade capitalista, escolher crítica e adequadamente os meios éticos para o alcance de fins éticos, orientados por um projeto profissional crítico, os assistentes sociais estão aptos, em *termos de possibilidade*, a realizar uma intervenção profissional de qualidade, competência e compromisso indiscutíveis.

Nesse entendimento, a construção de projetos profissionais críticos — os quais, segundo Netto (1999: 95),

“apresentam a auto-imagem de uma profissão, elegem os valores que a legitimam socialmente, delimitam e priorizam os seus objetivos e funções, formulam os requisitos (teóricos, institucionais e práticos) para o seu exercício, prescrevem normas para o comportamento dos profissionais e estabelecem as balizas da sua relação com os usuários de seus serviços, com as outras profissões e com as organizações e instituições sociais privadas e públicas (dentre estas, também e destacada-

9. Aqui ela cita o exemplo de artistas, cientistas, estadistas, os quais, pela sua atividade básica, encontram-se muito mais afeitos a transcender sua dimensão particular-individual, de modo que me permito incluir as profissões que possuem valores sociocêntricos universalistas. Não obstante, há sempre um retorno desses sujeitos à sua cotidianidade.

**Abstract:** Social workers have been facing the question posing social workers is to find out what means or mediations enable them to carry out their intentions through professional actions that are both technically and politically qualified. The text herein intends to point out the feasibility and effectiveness of the critical professional project that can be carried out not only with competence but also a project committed to facing barbarian capitalism.

**Keywords:** critical professional project; feasibility; effectiveness.

## Bibliografia

- AMARAL, A. e MOTA, A. E. Reestruturação do capital, fragmentação do trabalho e Serviço Social. In MOTA, A. E. (org.) *A nova fábrica de consensos*. São Paulo: Cortez, p. 23-44, 1998.
- BARROCO, M. L. *Ética e Serviço Social: Fundamentos ontológicos*. São Paulo: Cortez, 2001.
- BORGIANI, E.; GUERRA Y. e MONTAÑO C. (Orgs.). *Serviço Social Crítico*. São Paulo: Cortez, 2003 (Biblioteca Latinoamericana de Serviço Social; v. 10).
- CHAUI, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.
- COUTINHO, C. N. *O estruturalismo e a miséria da razão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e política: A dualidade de poderes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 1996.
- DE TOMMASO, A. *Mediação y trabajo social*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 1997.
- GUERRA, Y. *A instrumentalidade do Serviço Social*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- \_\_\_\_\_. A força histórico-ontológica e crítico-analítica dos fundamentos. *Revista Praia Vermelha: Estudos e Política e Teoria Social*. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 12-45, 2004.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1994.
- HELLER, A. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- LESSA, S. *Mundo dos homens: trabalho e ser social*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- LUKÁCS, G. O particular à luz do materialismo histórico. In \_\_\_\_\_. *Introdução a uma estética marxista: Sobre a categoria da particularidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- \_\_\_\_\_. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. *Temas de Ciências Humanas*. São Paulo: Ciências Humanas Ltda., n. 4, p. 1-18, 1978.
- LUKÁCS, G. *Ontologia do ser social: os princípios ontológicos de Marx*. Tradução Carlos N. Coutinho. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- PONTES, R. Mediação: categoria fundamental para el trabajo del asistente social. In BORGIANI, Elisabete; GUERRA, Yolanda e MONTAÑO, Carlos (Orgs.). *Serviço Social Crítico*. São Paulo: Cortez, 2003.
- MONTAÑO, Carlos. *Terceiro Setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social*. São Paulo: Cortez, 2002.
- NETTO, J. P. Prólogo ao Manifesto do Partido Comunista. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Cortez, 1998.
- \_\_\_\_\_. Ética e crise dos projetos de transformação social. In: BONETTI, Dilsa A. et al. *Serviço social e ética: convite a uma nova práxis*. São Paulo: Cortez, 1996.
- \_\_\_\_\_. A crítica conservadora à reconceptualização. *Serviço Social & Sociedade*. São Paulo: Cortez, n. 5, ano II, 1981.
- \_\_\_\_\_. A construção do projeto ético-político do Serviço Social frente à crise contemporânea. *Capacitação em Serviço Social e política social: Módulo I: Crise contemporânea. Questão Social e Serviço Social*. Brasília: Cead, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Capitalismo monopolista e Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Ditadura e Serviço Social: Uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64*. São Paulo: Cortez, n. 44, ano XV, 1991.
- \_\_\_\_\_. Razão, ontologia e práxis. *Serviço Social & Sociedade*. São Paulo: Cortez, 1994.
- \_\_\_\_\_. Para a crítica da vida cotidiana. In: NETTO, J. P. e FALCÃO, M. C. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. São Paulo: Cortez, 1987.
- RIOS, T. A. Competência e utopia: Prática profissional e projeto. In \_\_\_\_\_. *Ética e Competência*. São Paulo: Cortez, 1993.
- SUARES, M. *Mediação, conducción de disputas y técnicas*. Buenos Aires: Paidós, 1996.
- VAZQUEZ, A. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.